

# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

## RUBENS ASTORFI JUNIOR

### TITULO

VARIAVEIS QUE INFLUENCIAM A  
MOTIVACAO ENTRE OS ALUNOS  
HABILIDOSOS E NAO HABILIDOSOS

ORIENTADOR:

PROF. DR. PEDRO J. WINTERSTEIN

Monografia como requisito parcial  
para a conclusao do curso de  
especializacao em Educacao Motora  
- FEF - UNICAMP - 1993 .



VARIAVEIS QUE INFLUENCIAM A MOTIVAÇÃO ENTRE OS ALUNOS  
HABILIDOSOS E NAO HABILIDOSOS

"Uma estratégia motivacional"

Aluno: Rubens Astorfi Junior

Prof. Orientador: Dr. Pedro J. Winterstein

Ano: 1983

" Tudo posso Naquele que me fortalece ".

( Filipenses 4:13 )

## **Agradecimentos**

Não poderia deixar de agradecer e louvar a Deus, pelo que "Ele" fez em minha vida, dando-me força e direção do início ao fim deste trabalho, assim como, gostaria de agradecer os irmãos e amigos que não mediram esforços para me auxiliar na confecção do mesmo, dentre eles os casais Claudio e Irene, Celso e Janete, ao Odair e a minha eterna namorada Márcia.

A minha querida mãe, pela paciência para comigo, ao meu orientador Prof.Dr.Pedro J. Winterstein pela direção e orientação, ao Coordenador do curso de Especialização, Prof.Mestre Jorge Perez Galhardo pela preciosa colaboração e ao querido colega de turma Aylton (Maguila) pela força, o qual me ajudou nos momentos mais difíceis e enfim, a minha homenagem àquele que Deus usou para me criar neste mundo com muito amor e que nos deixa com muita saudade, meu pai, "Rubens Astorfi".

## SUMARIO

Introdução:.....	pag 5
Capítulo 1: O respeito a individualidade no processo de Ensino e aprendizagem .....	pag. 8
Capítulo 2: Discutindo a questão da Homogeneidade e da Heterogeneidade no contexto escolar .....	pag.16
Capítulo 3: Motivação .....	pag.19
Capítulo 4: Justificativa .....	pag.29
Capítulo 5: Objetivos .....	pag.31
Capítulo 6: Estudo de Caso .....	pag.33
Capítulo 7: Discussão do Estudo de Caso .....	pag.48
Conclusões: .....	pag.49
Apendice : .....	pag.50
Referências Bibliográficas: .....	pag.52

## INTRODUÇÃO

Considerando a motivação e suas influências no aprendizado motor, principalmente quando a estratégia de ensino envolve os jogos de competição, pretendo contribuir de maneira fundamentada com uma área relevante da Motricidade Humana, a "Educação Motora na Escola".

O assunto que trata o tema refere-se à necessidade que a meu ver existe, de preencher o vazio existente quando se dá atenção especial aos mais habilidosos ou aos menos habilidosos. Vazio este que em detrimento de um ou de outro, poderá causar conflitos psíquicos que certamente refletirão no desempenho das tarefas motoras dos indivíduos (alunos) envolvidos.

Não gostaria de perder de vista alguns aspectos também importantes à serem considerados; o primeiro aspecto refere-se ao reforço, o segundo refere-se à punição e o terceiro refere-se a análise cuidadosa da motivação.

Quanto aos dois primeiros aspectos gostaria de levantar dados importantes sobre o uso desses recursos pelos profissionais envolvidos, quanto ao terceiro pretendo caminhar na busca de respostas uteis atraves de uma análise das consequências diretas e indiretas que certamente existiram com as influências do reforço e da punição na motivação.

De certa forma considero o tema sugerido como uma possível estratégia de motivação. Conforme analisam (De Marco e Flávia A. Junqueira, 1993), teóricos como (Tutko & Richard, 1984) acreditam que o papel mais importante desempenhado pelo técnico é o de motivador. " Isso leva um treinador sensível à estar consciente das necessidades de seus atletas e conhecer a grande variedade de técnicas motivacionais e a achar a combinação ideal para resultados produtivos ". Apesar de não pretender atingir primeiramente os técnicos, e sim os educadores nas escolas; o problema em questão é:

-Que estratégia motivacional utiliza hoje o profissional de Educação Motora quando se depara com as diferenças de habilidades?

Espero poder contribuir satisfatoriamente através de uma ansiedade pessoal, em rever até que ponto temos sensíveis ao suposto vazio que revela a questão.

## CAPITULO 1

### O respeito à individualidade no processo de ensino = aprendizagem

Preocupar-se com a individualidade no processo de ensino - aprendizagem pode ser, para alguns educadores, uma "utopia" pedagógica. Opinião esta fundamentada nos problemas que norteiam o processo tais como: as condições da escola, as diferenças ou discrepâncias entre os alunos de uma mesma turma, problemas sócio - econômicos, etc...

Entendo que é preciso levar em consideração todos esses problemas e outros que possam aparecer, porém o educador, deve ao menos tentar estar, o mais próximo possível informado sobre o que de melhor se pode oferecer em termos de processo pedagógico. Haja visto, as diversas abordagens pedagógicas que se confrontam hoje, discutindo a criança e o seu desenvolvimento, dentro de um contexto fisiológico, psicológico, sócio-cultural e não apenas na área da Educação Física em si, o aspecto motor.

Por outro lado, conforme afirma ( Annemarie Seybold, 1980 ), "... a exigência de individualização ganhou nova ênfase, desde que o século da criança aguçou a visao para o proprio ser da criança e reconheceu a inviolabilidade de seu ser como pessoa", a atençao para a existência individual passou a ser objeto principal de estudo da pedagogia moderna, preocupação esta, por incrível que pareça, um pouco antiga culminando com a reclamação de uma " escola sob medida por Claparède ".

Sabemos hoje, que a Educação Física está tentando sair da crise que se encontra, buscando transformar-se, para ocupar de fato o seu verdadeiro papel. Nesta transformação, obstáculos e resistências sempre existiram, mas no meu entender, o maior obstáculo é a Educação Física se confrontando com ela mesma, principalmente quando se depara com o seu conteúdo, o qual precisa ser revisto, bem como as diversas formas de transmití-los para nao cair-se em contradição.

Apesar desse dilema, a Educação Física oferece por si só, pontos de partida para um ensino individualizador, destacam-se imediatamente as diferenças no ritmo cinético, de maturação neurológica ou motriz, na capacidade de rendimento e na tendência dos interesses. Essas diferenças determinam, sobretudo, a grande dispersão nas classes e, se não forem controladas mediante uma intervenção individualizadora, irão provavelmente suscitar no ciclo posterior, uma indiferença para com a Educação Física e a atitude de evitá-la, principalmente se o conteúdo envolver esportes e a competição ( A. Seybold, 1980 ).

**A relação entre o professor, a tarefa a ser ensinada e o aluno menos habilidoso.**

X Entendo ser de suma importância, comentar a respeito da árdua tarefa que herdará o professor, ao se deparar com diferentes níveis de aprendizado. E neste sentido, sabemos hoje, que existe uma séria discussão envolvendo conceitos de heterogeneidade e homogeneidade, a qual permite até certo ponto, refletir sobre a maneira ideal de desenvolver métodos de ensino

que possam atender de maneira mais eficaz, as diferenças existentes entre os alunos na questão da aprendizagem, questões que veremos mais adiante em um capítulo a parte. Com certeza, diferenças e discrepâncias entre os níveis de aprendizado, estão presentes no cotidiano do professor, em especial do professor de Educação Física que lida com tarefas motoras. É certo também, que as diferenças dependem de muitos fatores, tais como: estrutura corporal, desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. E não podemos deixar de comentar em hipótese alguma, o fato de vivermos em um país, onde a má distribuição de renda se torna cada vez mais cruel, trazendo consequências graves às áreas da saúde e da educação. Isto, sem dúvida alguma, atinge uma boa parcela da população escolar de escola pública, que detém o maior número de alunos.

Por isso, ao lidar com a aprendizagem motora, os educadores não podem estar alienados dos fatores citados, ela também é atingida diretamente por eles, a meu ver, este motivo torna válida, a preocupação com as diferenças, bem como a sua relevância nos diferentes métodos de ensino.

Tenho no meu cotidiano, me deparado com as diferenças entre os alunos, ao ministrar aula de Educação Física para uma turma unificada que envolve alunas (de 12 à 15 anos) de 6a, 7a e 8a séries do período noturno. As desistências no meio do caminho, os atestados de trabalho e o fato das aulas serem realizadas fora do período, levaram a escola em que sou professor à tomar a decisão de formar esta turma. Justificado na complexidade deste fato, bem como em observações realizadas anteriormente, com alunas de séries semelhantes em uma outra escola, comecei a refletir nas dificuldades encontradas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, algumas dificuldades me chamaram mais a atenção: -Ja que o conteúdo escolhido para o 1o Semestre foi o esporte, especificamente o voleibol, que estratégia utilizaria com as alunas menos habilidosas? - Como poderia lidar com as diferenças e empatias existentes entre as próprias alunas?-Como motivar as alunas mais habilidosas, sem prejuízo para as menos habilidosas, ou vice-versa ?

Estes questionamentos por sua vez serviram-me de base para a elaboração de uma estratégia ou proposta, a qual deveria servir de fator motivacional para as alunas, a proposta e o relato desta experiência serao vistos no Apendice.

Neste capítulo, o meu desejo é deixar clara a relação do professor com a tarefa motora desejada e em especial o aluno menos habilidoso, analisando as suas motivações, as influências do ambiente, a relação com outros colegas, o nível de ansiedade e o seu potencial.

Para mim, o lidar com alunos menos habilidosos na Educação Física é uma questão que passa por princípios individuais do professor. Este, a meu ver, deve ter claro em sua mente, a realidade que cerca estes alunos, bem como perceber as influências que possam interferir no processo, prejudicando a motivação, o interesse e o prazer, diminuindo a possibilidade de um bom rendimento ou aprendizado naquele momento.

Ao analisar as experiências que obtive ao ministrar aulas de Educação Física em diversas turmas, percebi que se continuasse com a prática pedagógica unilateral que vinha exercendo, não iria conseguir estimular a maioria dos alunos ao aprendizado. Observei que o trabalho era influenciado por muitos fatores, os quais foram percebidos ao longo do tempo com muita nitidez, esses fatores são:

- a) a relação entre o grupo fora das aulas de Educação Física;
- b) o fato de alguns alunos não suportarem os que não eram habilitados;
- c) as agressões morais aos menos habilitados e suas consequências;
- d) os conflitos e reações contrárias em relação a postura do professor, de não privilegiar ninguém;

Porém, sabia que poderia interferir nesta situação, utilizando-se de estratégias que levariam os alunos à refletir, sobre a necessidade de interação social do grupo como um todo. Sempre entendi que privilegiar alunos mais habilitados, é tão fácil e cômodo, quanto dirigir um automóvel Okm de última geração tecnológica e ainda com manutenção grátis; ou seja, ter o conforto e a segurança, sem despesa... Mas entendo que o papel do professor de Educação Física, não é o de privilegiar ninguém, e sim o de proporcionar à todos os alunos a devida oportunidade de aprendizado, conforme as condições de ambos.

De Acordo com (Regina Leite Garcia,1992, pg. 48),

" Ao invés de considerar o diferente como desvio a ser corrigido e tentar a homogeneização pode-se trabalhar as diferenças que estão presentes na escola, enriquecer o espaço pedagógico e, portanto, o currículo.

Cada aluno, valorizado em seu saber em suas formas peculiares de ser e de se expressar, ganha confiança em sua capacidade de aprender. Reconhecido em seu saber, é estimulado a saber mais; fortalecido no conhecido, capacita-se a penetrar no desconhecido.

O sucesso em adquirir conhecimentos novos provoca não só o prazer da descoberta, mas um sentimento de potência, auto-confiança, afirmação de dignidade ".

## CAPITULO 2

### **Discutindo a questao da Homogeneidade e da Heterogeneidade dentro do contexto escolar**

Tratar de problemas referentes ao processo de ensino - aprendizagem, sem analisar os conceitos ou até mesmo os possíveis conflitos de pensamentos existentes a respeito desta questao, no mínimo é fugir da realidade do ensino brasileiro. Temos sem dúvida alguma, que discutir o assunto, pois o vivenciamos constantemente no cotidiano escolar. Iniciaria a discussao, levantando a seguinte consideração :

-Qual professor que nao gostaria que sua turma fosse homogênea? Creio que a homogeneidade é buscada por muitos, porém entendo que é pouco refletida por quem a busca. Homogêneo, conforme o dicionário de língua portuguesa(Aurélio Buarque de Holanda,1987, pag.731) sao o as partes com quase nenhuma desigualdade; mas na

questão da aprendizagem, o primeiro aspecto a considerar quando se busca a homogeneidade é a igualdade de faixa-etária, porém, entendo que não podemos afirmar; que uma turma é homogênea apenas porque os alunos são de uma mesma faixa etária, critério de classificação de homogeneidade, a meu ver, um tanto quanto reducionista.

Assim como não podemos afirmar; que uma turma é heterogênea, baseando-se nas pequenas diferenças de idades entre os alunos de uma mesma turma.

Tanto a homogeneidade quanto a heterogeneidade necessitam ser analisadas em seus conceitos, sob vários aspectos que influenciarão diretamente nos rendimentos dos alunos. Podemos citar alguns deles, tais como: as diferenças culturais e sócio-econômicas, o desenvolvimento neuro motor, a capacidade que o aluno possui de construir o conhecimento, os aspectos motivacionais e a interação com o próprio meio ambiente, no caso específico - a escola.

Conforme (Garcia Leite, 1992), em detrimento da obsessão pela homogeneidade pela escola, crianças de 1ª série são agrupadas

pelo critério de maturidade ou prontidão - as que já estão prontas para aprender e as que não atingiram a prontidão; utilizando-se por trás desta prática a crença de que primeiro a criança precisa desenvolver para depois aprender. Quando alguma criança sai do compasso é retirada da turma para ser encaixada em outro grupo, no qual seja avaliada como estando no mesmo nível(chamando-o de "homogêneo").

Nesta dança, algumas crianças chegam a mudar 2 ou 3 vezes em apenas um ano, sem que ninguém se preocupe com a importância que o grupo a que pertença tem na construção da identidade e da segurança da criança, condições indispensáveis para que qualquer pessoa, sobretudo uma criança, tenha sucesso, seja no que for.

Nesta particularidade, entendo que a Educação Física , deve considerar não apenas os aspectos neuro-motores, mas também a interação com o grupo a qual pertence, levando em consideração as diferenças existentes tratando-as com a sensibilidade necessária, torna-se objeto de minha preocupação neste trabalho, tanto a sensibilidade como as estratégias que poderão ser descobertas e enfim serem utilizadas no processo em questão.

## CAPITULO 3

### MOTIVAÇÃO

Um dos aspectos da aprendizagem que mais me impressiona é a "motivação". A falta da motivação para aprender, certamente traz ao professor, conflitos e problemas que necessariamente terá que enfrentar, para poder conduzir melhor o que pretende desenvolver. Neste capítulo, a intenção é discutir, alguns conceitos sobre a motivação e sua importância no aprendizado motor, especialmente aqueles que interessam diretamente ao estudo em questão.

Em relação a aprendizagem motora, citamos Richard A. Magill(1984), o qual analisa a motivação, aplicando alguns dos conceitos que considero como os mais importantes para o estudo em questão, são eles :

1- "A MOTIVAÇÃO É IMPORTANTE PARA A COMPREENSAO DA APRENDIZAGEM E DO DESEMPENHO DE HABILIDADES MOTORAS DEVIDO A SEU PAPEL NA INICIAÇÃO, MANUTENÇÃO E INTENSIDADE DO COMPORTAMENTO"  
(pag.237-241)

2- "A APLICAÇÃO DE TECNICAS APROPRIADAS DE REFORÇO PODE SERVIR PARA FACILITAR A APRENDIZAGEM E O DESEMPENHO DE HABILIDADES MOTORAS"  
(pag.250-254)

3- "O ESTABELECIMENTO DE UM NIVEL APROPRIADO DE ASPIRAÇÃO OU OBJETIVO A SER ALCANÇADO É UM MEIO EFICAZ DE MOTIVAR O COMPORTAMENTO"  
(pag.254-261)

Pedro Winterstein (1992) analisa a relação da Motivação, a Educação Física e Esporte dando uma visao geral dos processos de motivação com ênfase no Motivo de Realização e nos componentes deste processo: Nível da Aspiração, Atribuição e a Norma de Referência.

Ademir de Marco e Flávia C. Junqueira(1993), analisa os diferentes tipos de influências sobre a motivação de crianças numa iniciação desportiva.

Aplicação das análises e dos conceitos sobre a Motivação no  
estudo em questão:

Um dos conceitos que me chamou a atenção devido a sua aplicação direta com o trabalho que desenvolvi está baseado na análise feita por Magill(1984), o qual ressalta a frequente situação que o professor se depara, ao tentar induzir um estudante a querer a aprender o que está sendo ensinado.

"Em uma tal situação, o professor está preocupado com motivação tal como ela se associa com o início do comportamento".

Nesta relação motivação - aprendizagem, conflitos começam a existir quando não se tem claro quais os aspectos do processo ensino - aprendizagem que poderiam interferir de maneira decisiva na obtenção do sucesso; para clarear melhor, gostaria de se referir a pergunta feita à Ausubel(1968), analisada por Magill(1984): - Um indivíduo poderá realmente aprender sem estar motivado a aprender ?

Ausubel ( op.cit.Magill,1984 ), indicou que " a relação causal entre motivação e aprendizagem é tipicamente recíproca em vez de unidirecional(...) ". Em vez de a motivação gerar a aprendizagem o oposto às vezes ocorre. Isto é, a aprendizagem gera motivação para querer aprender mais.

Baseado nisto, diria que a proposta apresentada as alunas, agentes do experimento, teve como objetivo principal; gerar motivação em quem estava desmotivada, seja habilidosa ou menos habilidosa.

Veremos o resultado da experiência no capítulo que se refere a discussão do estudo de caso.

Outro aspecto mencionado no conceito 1 (Magill,1984), refere-se a necessidade de manter a intensidade do comportamento que demonstra alto nível de motivação, ou seja, levá-lo sensivelmente em consideração na aprendizagem motora, portanto a atenção dentro de um grupo heterogêneo na questão de habilidades, a meu ver tem que ser equilibrada.

Poderia afirmar que as estratégias motivacionais não podem de maneira alguma prejudicar um grupo em detrimento de outro, e sim, diagnosticar com sabedoria os fatores que estão prejudicando o desenvolvimento do aprendizado ou a evolução, seja no aspecto motor, cognitivo, emocional e social da turma como um todo, daí utilizar-se com clareza e transparência as estratégias que poderão trazer resultados satisfatórios.

Para executar a proposta dentro de uma coerência lógica de análise do comportamento, foi necessário deixar claro às alunas, os objetivos que pretendia atingir como Educador e descobrir quais eram os reais objetivos das próprias alunas. Seguindo por este caminho gostaria de citar o conceito 3 (Magill,1984), conforme o início deste capítulo, bem como, citar a classificação feita por ( Winterstein,1992, pg 55 ) de um dos componentes do processo de motivação : " O Nível de Aspiração ".

(Magill, 84 pag. 256,257) em seu conceito, chegou a conclusão após analisar experiências como a de (Nelson,1978) e

(Harari,1969) que " o estabelecimento de um nível apropriado de aspiração ou objetivo a ser alcançado é um meio eficaz de motivar o comportamento".

Os testes desses pesquisadores, deixaram claro que os objetivos estabelecidos através de metas a serem atingidas, tiveram uma influência fundamental na quantidade e qualidade de resultados positivos. Magill, analisa o estabelecimento de objetivos realistas e os fatores que influenciam o estabelecimento de objetivos; os dois fatores são:

a) A personalidade do indivíduo, mais especificamente, uma característica da personalidade chamada "Motivo de Realização".

b) A experiências passadas, pode ser o mais poderoso de todos. Indivíduos com experiências passadas de sucesso na realização de certos objetivos tenderão a tentar com mais afinco no futuro. O oposto parece verdadeiro para a experiência prévia de fracasso".

Conforme estudos de (Winterstein, 1992 pg 55) o Nível de Aspiração é definido por Frank(1935, apud Weiner, 1988, pg.134) como o nível de um rendimento futuro que uma pessoa procura alcançar de maneira explícita numa determinada tarefa, conhecendo seu nível de rendimento alcançado nesta mesma tarefa anteriormente. Afirma que " de acordo com a teoria deve-se-ia reduzir ou manter seu Nível de Aspiração após uma ação não conseguida ou elevá-lo ligeiramente após uma ação conseguida".

Sugere que a partir do conhecimento desta teoria, que o professor deve oferecer atividades com diferentes níveis de dificuldade dentro de uma mesma estrutura de tarefa. Oferecer tarefas com graus de dificuldades diferentes, possibilita o acesso à atividade de alunos com diferentes graus de capacidades.

O professor deve possibilitar a vivência das tarefas aos alunos mais áptos e menos áptos e estar atento quando os mesmos experimentam o sucesso e o fracasso, observando as reações e procurando trabalhar canalizando-as ou corrigindo-as.

Posso afirmar que para o meu estudo específico, tanto os estudos de (Magill,1984) como o de (Winterstein,1992) forneceram-me subsídios práticos para a experiência vivenciada; estabeleceu-se objetivos aos alunos conforme nível de habilidades, bem como propiciou-se tarefas com diferentes graus de dificuldades. ,

#### **Influências sobre a motivação e suas consequências diretas no aprendizado**

Baseado em estudos realizados e discutidos por (Ademir de Marco e Flávia C. Junqueira, 1993, pg 87 à 105), podemos canalisá-los diretamente para a experiência por mim vivenciada;

## O respeito ao desenvolvimento motor e o stress em pequenos atletas

Respeitar as fases do desenvolvimento motor é fundamental para se obter resultados que não sejam prejudiciais às crianças. A importância da qualidade dos primeiros contatos com o esporte pelas crianças é tremendamente relevante, a primeira vez que uma criança enfrenta uma situação nas quais o sucesso ou o fracasso é muito visível às outras pessoas, amigos familiares, certamente causará um grande impacto psicológico. (De Marco e Flávia A. Junqueira, 1993) citam os estudos realizados por (Cratty, 1984), os quais revelam que as crianças preocupam-se muito com a avaliação dos pais, técnicos, colegas e eu diria os próprios professores.

" Uma desaprovação sobre o desempenho pode levar a criança a sentir-se incompetente. Como resultado, muitas vezes ela acaba fugindo do objeto de frustração, no caso o esporte. A crítica pode levar assim a sérios conflitos psíquicos, como a insegurança e a desestruturação do conceito de auto afirmação " .

(Cratty,1984)

O primeiro confronto que travei comigo mesmo, no início da experiência ora relatada, se concentrou justamente em como respeitar devidamente o desenvolvimento motor de minhas alunas, já que eram de diferentes faixas-etárias; bem como, quais seriam as experiências de cada uma delas no passado, mediante o sucesso e o fracasso e a relação com o grupo no que diz respeito a interação. Vale lembrar que o grupo era formado basicamente por adolescentes, o que a meu ver tornava a situação um pouco mais complicada. Durante as aulas, estes aspectos mencionados foram objetos de preocupação, porém sabia que os problemas não seriam resolvidos de um dia para o outro, e sim dependia não só da proposta a ser bem vivenciada, como de fatores externos às aulas.

## CAPITULO 4

### JUSTIFICATIVA

A investigação que pretendia realizar em relação ao tratamento adequado aos alunos não habilitados e habilitados, teve como instrumento de diagnóstico, as próprias observações que fiz durante as aulas que ministrei para os diferentes grupos de alunos(as), assim como através de experiências pessoais quando era aluno de Educação Física, seja na escola de 1º e 2º graus ou na Faculdade. Jamais me conformei com o privilégio que se dá aos alunos mais habilitados sem oportunizar a outros que poderiam desenvolver seu potencial, sendo que o que necessitam simplesmente, é apenas vivenciar sem cobranças de resultados imediatos.

Justificaria este estudo com os referenciais teóricos referentes a aprendizagem motora - a motivação e suas influências, citados no capítulo anterior, os quais a meu ver, permitiram clarear os objetivos que pretendia atingir quando utilizei uma estratégia motivacional que teve como finalidade atingir tanto as alunas habilidosas quanto as alunas não habilidosas, tendo como resultado uma experiência por elas vividas de grande importância não só no aprendizado do conteúdo como para a própria vida fora da escola.

## CAPITULO 5

### OBJETIVOS

Objetivos Gerais :

1- Contribuir satisfatoriamente com a Educação Motora através de uma investigação teórica e análise de estudo de caso envolvendo as variáveis que influenciam a motivação entre os alunos habilitados e não habilitados;

2- Contribuir através da experiência, com o dia a dia dos professores que ministram aulas de Educação Física, sejam nas escolas públicas ou privadas

Objetivos Específicos :

1- Contribuir através da análise de comportamento através de diagnóstico de alunos habilidosos e de alunos não habilidosos mediante as tarefas propostas;

2- Satisfazer na medida do possível, as necessidades de ambos dentro do contexto ensino - aprendizagem na Educação Física escolar;

3- Contribuir intervindo como educador através de atividades, estratégias e na interação do grupo como um todo;

4- Iniciar uma possível discussão para futuras pesquisas dentro da problematização a que se referiu o estudo;

## CAPITULO 6

### RELATO DE UMA EXPERIENCIA

#### Um estudo de Caso

Já faz algum tempo, precisamente há uns dois anos atrás, que venho observando as atitudes dos meus alunos, quando no grupo ou turma que pertencem, existem alunos com sérias dificuldades nas tarefas motoras, outros, percebo que possuem um ótimo potencial, mas em virtude de não darem oportunidade para que este potencial se desenvolva, evitam passar por experiências desagradáveis, onde recebem chacotas por erros cometidos. Quando estão em uma situação de competição, o fato de não "jogarem bem", por exemplo, os separam nitidamente dos outros considerados "habilidosos".

Por isso, comecei a me preocupar seriamente com as possíveis implicações psicológicas que no meu entender, trariam para este grupo de alunos não habilidosos.

Após observar estes fatos, senti a necessidade de mudar a postura, acreditando no potencial existente nas alunas não habilidosas. Neste ano, mais precisamente em Abril/93, fiz uma proposta de trabalho às alunas de uma turma unificada, que a escola formou; esta turma, envolve alunas de 6a, 7a e 8a séries (12 à 15 anos) conforme mencionei em outro capítulo.

Neste grupo, observei durante as aulas, alunas que realizavam as tarefas com muita facilidade, outras que tinham muitas dificuldades por virem de outras escolas, onde praticamente não frequentavam as aulas de Educação Física e outras com desempenhos considerados como razoáveis.

A partir destas observações e através do contato direto com as alunas, apresentei a proposta que consistia em "dividir em grupos de diferentes níveis de aprendizado". Deixei claro que havia observado o potencial de cada aluna, e que tinha como objetivo, proporcionar oportunidades para alunas não habilidosas, para as razoáveis e as consideradas mais habilidosas. O conteúdo a ser desenvolvido era o Voleibol, esporte que através de uma consulta, proporcionava às alunas uma grande motivação.

## Questionário inicial referente a proposta apresentada

Proposta: Divisão em três níveis de aprendizado; utilizando como um recurso pedagógico a formação de três equipes com a seguinte denominação :

- 1- Equipe Forte ou mais habilidosas;
- 2- Equipe Média ou de nível médio de habilidade;
- 3- Equipe Fraca ou de menos habilidosas, portanto iniciantes;

O instrumento utilizado para a classificação se deu através de uma "avaliação diagnóstica" prática com os seguintes critérios:

- 1- Domínio dos fundamentos do voleibol ( 7 fundamentos )

Classificação para a equipe forte - :

Domínio de 80 à 100% ( 5 à 7 fundamentos )

Classificação para a equipe média - :

Domínio de 45 à 75% ( 3 à 5 fundamentos )

Classificação para a equipe fraca - :

Domínio de 0 à 40% ( 1 à 3 fundamentos )

## TABULAÇÃO

Data da Proposta: Abril/93

Questionário respondido em: Junho/93

Número de alunas que responderam: 22

Obs: Este questionário pertence ao processo da "avaliação  
formativa"

Questao 1: "Como você se sentiu quando o professor propôs a  
divisao em níveis de aprendizado, tomando como base a formação de  
uma equipe fraca, média e forte" ?

Número de alunas que aprovaram a proposta: 15

Percentual correspondente: 68,18%

Número de alunas que não aprovaram a proposta: 2

Percentual correspondente: 9%

Abstenções: 5

Percentual correspondente: 22,7%

Número de alunas que questionaram a proposta: 0

Percentual correspondente: 0%

Questão 2: "Em qual das três equipes você se enquadra" ?

Número de alunas que se enquadraram na equipe forte: 10

Percentual correspondente: 45,4%

Número de alunas que se enquadraram na equipe média: 8

Percentual correspondente: 36,36%

Número de alunas que se enquadraram na eq.fraca: 4

Percentual correspondente: 18,18%

Abstenções: 0

Percentual correspondente: 0%

Questao 3: "Você tem tido motivação para jogar nesta equipe" ?

Número de alunas que responderam que tem motivação: 14

Percentual correspondente: 63,63%

Número de alunas que responderam que não tem motivação: 2

Percentual correspondente: 9,09%

Abstenções: 1

Percentual correspondente: 4,54%

Número de alunas que tiveram dúvida ao responder: 5

Percentual correspondente: 22,72%

Ao compararmos o percentual correspondido de aprovação da proposta com o percentual de motivação existente, chegaremos a conclusão que a proposta foi bem apreciada, com um nível expressivo de motivação a considerar.

Para mim, este primeiro questionário deixou claro a preocupação com o nível de motivação, bem como a sua relação direta com o desempenho das atividades motoras que pretendia desenvolver.

Enfim gerar motivação em quem não tem e mantê-la em quem já possui, tornou-se o objetivo central da proposta, tanto quanto a sua vivência.

## TABULAÇÃO DO QUESTIONARIO FINAL

Data: 01.10.93

No de alunas que responderam: 15

Percentual correspondente ao questionário inicial: 68,18%

Tempo de duração da experiência prática da proposta: 6 meses

Questao 1: "Houve aprendizado do conteúdo voleibol durante o período de experiência da proposta" ?

No de alunas que consideraram ter aprendido o conteúdo: 15

Percentual correspondente: 100%

Questao 2: "Caso considere que nao aprendeu nada, justifique a sua resposta" ?

No de alunas que nao consideraram esta questao: 15

Percentual correspondente: 100%

Questao 3: O que mais as motivaram com a proposta apresentada ?

3.1 - O fato de todas as alunas concordarem com a proposta:

No de alunas que responderam: 01 - Perc. Correspondente: 6,6%

3.2- O prazer dos jogos:

No de alunas que responderam: 01 - Perc. Correspondente: 6,6%

3.3 - A proposta do professor em dividir em diferentes niveis de aprendizado, bem como a possibilidade de evolucao:

No de alunas que responderam: 07 - Perc. Correspondente: 46,6%

3.4 - O convívio com as colegas, juntamente com a qualidade das aulas:

No de alunas que responderam: 03 - Perc. Correspondente: 20%

3.5 - O conteúdo dado durante as aulas:

No de alunas que responderam: 01 - Perc. Correspondente: 6,6%

3.6 - Consideraram que todas estao no mesmo nível de aprendizado:

No de alunas que responderam: 01 - Perc. Correspondente: 6,6%

3.7 - Não gostaram da proposta em virtude de problemas no relacionamento com as colegas:

No de alunas que responderam: 01 - Perc. Correspondente: 6,6%

Questão 4: Avaliação pessoal do relacionamento individual com as demais colegas:

4.1 - Consideraram o relacionamento como positivo, após a aplicação da proposta;

No de alunas que responderam : 11 - Perc. Correspondente: 73,33%

4.2 - Consideraram o relacionamento como negativo, após a proposta;

No de alunas que responderam: 04 - Perc. Correspondente: 26,67%

4.3 - Consideraram que a proposta não influenciou no relacionamento, mantendo-se como estava;

No de alunas que responderam: 0 - Perc. Correspondente: 0%

Questao 5: " O professor propiciou para que a proposta fosse colocada em prática" ?

5.1 - No de alunas que responderam que sim: 09

Percentual Correspondente: 93,93%

5.2 - No de alunas que responderam que nao: 01

Percentual Correspondente: 6,67%

5.3 - Abstencoes: 0

Percentual Correspondente: 0%

COMPARAÇÃO ENTRE O QUESTIONÁRIO FINAL E O QUESTIONÁRIO  
INICIAL

Percentual correspondente ao questionário inicial: 68,18%

Dados observados pelo professor ao realizar a avaliação  
diagnóstica inicial:

Equipe fraca ou iniciante: 46,6%

Equipe média ou razoável: 20%

Equipe forte ou mais habilidosas: 33%

Dados observados sobre a questão da auto-crítica:

Equipe fraca ou menos habilidosa: 26,67%

Equipe razoável ou média: 26,67%

Equipe forte ou mais habilidosas: 46,6%

Dados observados através da avaliação final ( somativa ) do professor:

Equipe fraca ou menos habilidosa: 20%

Equipe média ou razoável: 40%

Equipe forte ou mais habilidosa: 40%

No de alunas que responderam o 1o questionário: 22

No de alunas que responderam o 2o questionário: 15

#### PERCENTUAL DE EVOLUÇÃO E RESULTADO FINAL

Percentual de evolução entre a equipe fraca e a média: 20%

Percentual de evolução entre a equipe média e forte: 7%

Este dados mostram que a equipe média recebeu um grande número de alunas da equipe fraca, o que representa uma evolução satisfatória se considerarmos todos os fatores que dificultaram a proposta.

## CONCLUSAO FINAL DO RELATO DE EXPERIENCIA

Conforme os dados de comparação observados com os questionarios e as avaliações realizadas, apresento um resumo do que concluí com a proposta:

1- Com relação ao desempenho ou melhora do nível de aprendizado, observei que houve um total de 27% de percentual de melhora;

2- Com relação ao aprendizado, observei que 68,18% das alunas aprenderam o conteúdo proposto e vale lembrar, que os restantes 31,82% representam as alunas que não responderam o questionário e que abandonaram a escola durante a período de experiência da proposta;

3- Com relação a avaliação de conhecimento e aprendizado, tivemos 100% de resposta positiva;

4- Com relação a motivação, 46,6% das alunas afirmaram que se motivaram pela proposta em si; outros 46,8% se motivaram com aspectos práticos da proposta tais como: o prazer das aulas e do conteúdo e o convívio com as colegas; e 6,6% rejeitaram a proposta;

5- Outro aspecto que me preocupava na proposta, era o relacionamento pessoal com as colegas; 73,33% das alunas afirmaram que a proposta ajudou a melhorar o relacionamento e 26,67% afirmaram que a proposta que a proposta prejudicou o relacionamento;

6- Com relação a crítica ao professor; 93,33% das alunas aprovaram as atitudes do professor durante a experiência da proposta e 6,67% não aprovaram.

Entendo que este relato mostra com números expressivos a validade da proposta e sua possível aplicabilidade.

## CAPITULO 7

### Discussao do Estudo de Caso

Como metodologia utilizada, posso afirmar com segurança que o estudo de caso foi de muita valia para o que pretendia atingir como objetivo final. O estudo de caso teve como parametros a utilização de uma avaliação diagnóstica, formativa e somativa, juntamente com questionários comparativos.

Seguindo por este caminho, penso que sem dúvida alguma, os resultados foram claros e absolutos no que se refere ao entendimento, nao deixando dúvidas sobre a validade ou nao da proposta apresentada. Pela metodologia utilizada, entendo que ficou implícito o resultado como sendo satisfatório.

## CONCLUSOES

Apesar do percentual de evolucao nao apresentar um número expressivo e o fato de haver um percentual considerável de alunas com problemas de relacionamento, concluo que a proposta foi válida.

Digo isto, em virtude do fator motivação estar sempre presente até o fim da proposta. Outro fator importante a considerar, se refere ao interesse em evoluir, o que a meu ver ajudou satisfatoriamente cada uma das alunas envolvidas.

Creio sem sombras de dúvidas que tentei contribuir com uma área tao importante dentro da Educaçao Motora Escolar, enfim o comportamento humano.

## APENDICE

### Estratégias motivacionais utilizadas

- 1- Apresentação da proposta em divisao de niveis de aprendizado;
  
- 2- Utilização de critérios de classificação através de uma avaliação diagnóstica, formativa e somativa, observando durante as aulas, o domínio dos fundamentos do voleibol e o comportamento durante os jogos;
  
- 3- Divulgação dos resultados das avaliações para as alunas envolvidas;

4- Como recurso pedagógico, utilizei durante as aulas, atividades e educativos em forma de circuitos, sendo que as estações variavam de acordo com os graus de dificuldade;

5- Diálogo constante tanto com as alunas habilidosas e não habilidosas;

6- Utilização de atividades de interação de grupo sem dar ênfase na separação em níveis de aprendizagem;

7- Outro recurso pedagógico que permitiu uma rica experiência para as alunas, foram os jogos que realizaram com outra escola, neles foram vivenciadas experiências de sucessos e fracassos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- COFER, C.N. Motivação e Emoção, RJ, Interamericana, 1980.
- DE MARCO E A. JUNQUEIRA em Educação Física Escolar: Ser...ou não ter?, PICCOLO, V.L.N. , Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- FRAISSE, P e PIAGET, J. Tratado de Psicologia Experimental - Volume v, R.J., Forense, 1965.
- GARCIA, R. L., Alfabetização Responsabilidade de Todos, R.J., Revista Ande - n.16 - Cortez Editora, 1992.
- GARCIA, R. L., Um currículo a Favor das Classes Populares, R.J., Caderno Cedes n. 13 pg. 45 à 52 ( 4a Edição ), 1992.
- LISTELO, A. Educação pelas atividades físicas esportivas e de Lazer, S.P., Edusp, 1979.
- MAGILL, R.A Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações, S.P., Blucher, 1984.

MOREIRA, W.W. Educação Física Escolar, uma abordagem fenomenológica, Campinas, Ed. da Unicamp, 1992.

SAMULSKI, D. Psicologia do Esporte, Belo Horizonte, Sibradid, 1992.

SEYBOLD. A. A Educação Física princípios pedagogicos, Porto Alegre, Ed. ao Livro Tecnico S/A, 1980.

WINTERSTEIN, P. J., Motivação, Educação Física e Esporte, S.P., Revista Paulista de Educ.Física e Esporte Vol.6 n.1, Jan/Jun - 1992.